



COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

O USO DA DRAMATIZAÇÃO RADIOFÔNICA COMO METODOLOGIA INOVADORA NO CURSO DE JORNALISMO

James Dadam¹; jamesd@furb.br

RESUMO

Este trabalho apresenta a experiência da utilização da dramatização em rádio na forma de radionovela como metodologia inovadora no ensino de Jornalismo Comunitário. Como no Jornalismo os profissionais trabalham com fatos e situações reais, não se espera que o uso da ficção seja utilizado na universidade ou na profissão. Desta forma, o objetivo da pesquisa é avaliar a viabilidade da dramatização em rádio como estratégia de ensino. Por meio da observação participante, foram analisadas três turmas e três radionovelas, em 2017 e 2018. A evolução do uso da metodologia e das técnicas na construção de roteiros aponta uma melhor compreensão dos conceitos teóricos, bem como estimula a criatividade. Resulta que os estudantes saem da experiência com várias possibilidades de inserção profissional até então não imaginadas, bem como uma melhor compreensão da sociedade e das comunidades.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo Comunitário. Radionovela. Gêneros Jornalísticos. Educação. Metodologia de Ensino.

1. INTRODUÇÃO

¹ Doutor em Scienze Psicologiche e della Formazione, e Mestre em Sociologia e Ricerca Sociale pela Università degli Studi di Trento (UniTN), Mestre em Educação e graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Regional de Blumenau. E-mail: jamesd@furb.br. Agradecimento especial à professora dra. Siderly do Carmo Dahle de Almeida, por suas contribuições e orientações na produção deste artigo.



Quando se fala em Jornalismo, pensa-se logo em programas de notícias em rádio e televisão, em jornais e revistas impressos, ou em portais de notícias. Contudo, o campo de atuação do jornalista é muito maior. Dentre as áreas de atuação, está o Jornalismo Comunitário, que tem um olhar voltado para a Comunicação Popular. Por ser algo que foge da imagem características do jornalista, muitas vezes os estudantes enfrentam dificuldades em compreender como se dá a atuação nessa área.

Na disciplina de Jornalismo Comunitário, os estudantes aprendem sobre o trabalho nas comunidades e como promover a comunicação popular e comunitária, empoderando a população a exercer o direito à comunicação. Enquadram-se nesse campo de atuação atividades em veículos alternativos, ações de promoção da comunicação e de educação. Apesar das diversas possibilidades, existem dificuldades em envolver os estudantes na disciplina, pois ela não é tão atraente como outras de maior visibilidade e que aparentemente possuem mais vagas de emprego, como é o caso do telejornalismo, radiojornalismo, jornalismo digital, assessorias de comunicação, jornalismo político, esportivo, internacional e econômico, entre outros.

É um desafio para o professor tornar o tema mais atraente. Em uma sociedade cada vez mais conectada, o docente precisa repensar suas práticas. Pensando nisso, em uma universidade de Santa Catarina, usou-se a dramatização em rádio como estratégia de ensino nas aulas de jornalismo comunitário. Os estudantes precisavam se inserir na comunidade para coletar informações, conversar com moradores e produzir uma radionovela ficcional, baseada em fatos e informações reais.

Contudo, a expectativa é que o jornalista, como profissional que tem por missão manter a população informada, execute o seu trabalho com base em fatos e na verdade. Assim, não se espera o uso da ficção para noticiar os fatos. Assim, o objetivo deste artigo é avaliar a aplicação da dramatização em rádio como estratégia de ensino nas aulas da disciplina de jornalismo comunitário.

Para melhor apresentar o estudo, este artigo subdivide-se em duas partes: a primeira apresenta os aspectos teóricos que envolvem a comunicação comunitária e popular, bem como questões relacionadas à prática de ensino e o



uso de metodologias inovadoras, como a dramatização. A seguir, na segunda parte, discute-se os aspectos metodológicos e os resultados da pesquisa.

2. COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA E POPULAR

Um dos grandes desafios mundiais da atualidade refere-se à democratização dos meios de comunicação e da própria comunicação. No caso particular do Brasil, os cenários histórico e atual apontam para uma concentração dos meios de comunicação na mão de poucas famílias. Isto resulta em uma mídia monopolizada, que reproduz discursos, os quais refletem os interesses de uma minoria. Essa mídia seria, portanto, porta-voz de uma elite econômica e política (FEITOSA, 2014).

Conseqüentemente, a população não possui voz e fica à mercê dos interesses econômicos e políticos, pois a maioria dos veículos, como jornais e revistas, é dirigida a uma elite e não à população, em um modelo que Hallim e Mancini (2004) classificam como pluralista polarizado. Este modelo caracteriza-se por jornais de baixa circulação orientados à elite política e à centralidade do rádio e televisão no mercado de informação. Na mídia impressa, há uma dependência de recursos das esferas governamentais, resultando em um comprometimento com a defesa dos interesses políticos de quem está no poder. Nesse cenário, a população das comunidades acaba não se enxergando no noticiário, e quando se vê, é de forma distorcida.

Na visão de Tavares (2004), os menos abastados viram notícia apenas na condição de criminosos ou de quem precisa da ajuda alheia. Também são vistos como pessoas sem capacidade para decidir ou alienados por conta dos programas sociais.

Nesse contexto, pouco espaço sobra para as comunidades que não detêm os meios de comunicação e produção da informação. Silva (2008), ao estudar a juventude na mídia nacional, constatou que o direito à comunicação do jovem, principalmente o pobre, negro e morador das regiões periféricas é sistematicamente desrespeitado. Não apenas o jovem, mas qualquer pessoa que resida em certos bairros é, de certa forma, ignorada pelos meios de comunicação.



Resulta que as comunidades não se sintam representadas nos veículos de comunicação.

Para superar as dificuldades do dia a dia, as comunidades valem-se do capital social (PISELLI, 2001), que consiste em uma estrutura de relações entre pessoas, durante certo período, a qual favorece a cooperação para a produção de valores materiais e simbólicos. É uma relação baseada na confiança entre os membros de uma coletividade e que pode resultar em uma articulação maior, como a dos movimentos sociais ou populares (PERUZZO, 2004; FESTA; LINS DA SILVA, 1986).

Estes movimentos buscam alternativas às modalidades tradicionais de comunicação, às quais não têm acesso. Criam-se outras formas de comunicação, com níveis diferentes de participação. Há aquelas em que a comunidade atua apenas como fonte, outros em que a participação ocorre na produção dos materiais, no planejamento, ou na gestão dos meios, esta última menos comum, mas que confere o controle total da gestão, de forma democrática (PERUZZO, 2004).

Há experiências bem-sucedidas, como rádios comunitárias, jornais de favelas e coletivos de comunicação. No Brasil, de acordo com Pena (2012), há iniciativas de sucesso como o jornal “O Cidadão”, editado pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, a “TV Roc - TV Comunitária da Rocinha, a emissora “Camponesa FM”, do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, a emissora de rádio “Favela 104,5”, criada por moradores de um conjunto de 11 favelas.

Uma alternativa para as comunidades é o uso da internet, mas nem todas possuem acesso. Outro problema da internet é que, por permitir o anonimato, muitas informações falsas e incorretas circulam neste meio. Por isso, é importante que as pessoas das comunidades tenham, primeiramente, acesso aos meios de comunicação, mas também aos modos de produção da informação e, assim, possam desenvolver as competências necessárias para reconhecer e distinguir as informações que representam os interesses da comunidade e aquelas que apenas reproduzem um modelo econômico que segrega e distancia as pessoas.



3. ENSINO DO JORNALISMO COMUNITÁRIO E LIBERTADOR

O Jornalismo Comunitário demonstra ser um campo importante da comunicação, pois não se restringe às plataformas tradicionais de comunicação, mas explora ferramentas e estratégias conforme o perfil de cada comunidade (TAVARES, 2004). Essa área do jornalismo não se reduz a levar jornalistas para desenvolver um produto de comunicação nas comunidades, mas em empoderar a própria comunidade a realizar a gestão dos produtos que esta considera adequados, os quais noticiarão os assuntos de interesse escolhidos pelos moradores (TAVARES, 2004).

Todavia, no jornalismo existem especialidades e áreas mais conhecidas e desejadas. Mick e Lima (2013) apontam que 55% dos jornalistas brasileiros atuam em veículos impressos (jornais e revistas), televisão, rádio e portais de internet, predominantemente nas funções de reportagem, redação, fotografia, produção de pautas e edição. São as carreiras consideradas clássicas: redação, radiojornalismo e telejornalismo, e o jornalismo digital, que cresce em função do desenvolvimento tecnológico. Outros 40% atuam fora dos veículos de comunicação, principalmente em empresas de assessoria, em funções clássicas de redação, reportagem, edição e assessoria de imprensa. Já 5% dos jornalistas atuam como professores. A pesquisa não traz dados sobre a atuação em comunicação popular e jornalismo comunitário, mas os dados apontam que esse número deve ser bem reduzido.

A atuação em veículos como rádio, televisão, portais de notícias, meios impressos e assessorias - que empregam a maior fatia dos jornalistas brasileiros, configura uma especialização associada a meios de comunicação (TAVARES, 2009). Por outro lado, tem-se também especializações associadas a temas, como jornalismo esportivo, político, econômico, cultural, internacional, entre outras (TAVARES, 2009). Além disso, há uma terceira forma de especialização, que é a combinação das duas primeiras. Fato é que algumas especialidades são mais atrativas e conhecidas que outras. O jornalismo comunitário não está, sem sombra de dúvidas, entre essas.



Como forma de sensibilizar futuros profissionais da comunicação para esta área que atua diretamente na democratização dos meios de comunicação e da própria comunicação, alguns cursos de Jornalismo oferecem disciplinas como Jornalismo Popular, Comunicação Popular e Jornalismo Comunitário, buscando oferecer aos estudantes uma formação humanística, conforme previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo (BRASIL, 2013).

De acordo com Festa (1986, p. 25), “a comunicação popular no Brasil nasce efetivamente a partir dos movimentos sociais, mas sobretudo da emergência do movimento operário e sindical, tanto na cidade como no campo”. A comunicação popular expressa um contexto de luta, com conteúdo crítico-emancipador e democrático no qual se valoriza a multiplicidade de vozes, colocando o povo como protagonista (PERUZZO, 2004). “É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa” (PERUZZO, 2004, p. 4).

Se por um lado a iniciativa das universidades em propor disciplinas sobre essa área é louvável, por outro há a dificuldade em atrair a atenção dos estudantes e fazê-los vislumbrar possibilidades de atuação além das clássicas. A discussão sobre práticas docentes diferenciadas pode dar pistas para a superação deste problema. É necessário que o professor se conscientize de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2018, p. 24), superando a concepção de educação bancária que por muito tempo perdurou na educação (FREIRE, 1996). Tornar o ensino mais atrativo com o uso de metodologias inovadoras é uma possibilidade, principalmente em função de que a maioria dos professores adotam aulas teóricas expositivas e práticas. Nestas últimas, “procura-se ou demonstra-se o que se disse na aula teórica ou exige-se que o aluno faça aquilo que foi ensinado na aula expositiva” (MASETTO, 2003, p. 98).

O uso de projetos no ensino tem-se demonstrado efetivo ao propor uma aprendizagem plural e com articulações que se mostram diferenciadas para cada aluno (BEHRENS; JOSÉ, 2001). Nesse tipo de metodologia, o docente “pode



optar por um ensino com pesquisa, com uma abordagem de discussão coletiva crítica e reflexiva que oportunize aos alunos a convivência com a diversidade de opiniões” (BEHRENS; JOSÉ, 2001, p. 3). Assim, dizem as autoras, o professor consegue fazer com que as práticas pedagógicas se tornem aprendizagens significativas.

Particularmente ao jornalismo comunitário, “o jornalista libertador precisa ter a sensibilidade de saber que a coisa mais importante para uma comunidade é conhecer os temas que vão fazer diferença no seu dia-a-dia” (TAVARES, 2004. p. 31). Com isso em mente, o jornalista deve achar a melhor forma de explorar assuntos de interesse da comunidade, sem ceder às necessidades dos veículos. Um dos caminhos para atingir boa parte da população é o rádio, principalmente as comunitárias. O rádio tem por características a penetração, regionalismo, intimidade, imediatismo, simplicidade, mobilidade, custo e principalmente a função social (BARBOSA FILHO, 2003). Além do rádio, o uso de aplicativos que permitem o envio de mensagens de áudio pode servir para disseminar informação.

4. USO DA RADIONOVELA NO JORNALISMO

Uma forma criativa para atrair a atenção do público é o uso da ficção. O brasileiro gosta muito de novelas e elas conseguem elevada audiência (MARTINS, 2008). É um gosto que antecede o surgimento da televisão. Também o rádio tinha elevada audiência com as radionovelas (CALABRE, 2003).

“Nas radionovelas, a palavra é explorada em toda a sua expressividade, como timbre, tom, intensidade, ritmo e harmonia. Os diálogos são curtos, construídos de forma simples, para facilitar o entendimento de todas as camadas sociais. Os efeitos sonoros são inseridos para retratar a ambiência da trama e acrescentar realismo à obra ficcional. As músicas têm várias funções, como abrir e encerrar peças, identificar personagens em cena, passagens de tempo e reflexões. Isso tudo é possível graças às particularidades do rádio, considerado hoje um aparato tecnológico simples, mas, dependendo de seu uso, pode tornar-se um meio de comunicação de enorme complexidade expressiva” (DINIZ, 2009, p. 93).

Muito embora o jornalismo trabalhe com fatos, dados e informações, e não com ficção, a radionovela permite o uso da ficção para dar mais sabor às histórias.



É justamente isso que atrai as pessoas, que se envolvem no enredo. “Por ser um teatro sem imagens, aguça a imaginação, motor imprescindível da formação da utopia” (TAVARES, 2004, p.42), o que pode tornar o material interessante para o público.

Do ponto de vista da formação do estudante, existem várias experiências do uso da dramatização no ensino superior (SOUZA, 2010; BONAMIGO; DESTEFANI, 2010). Na dramatização em jornalismo, não se trata de criar notícias fictícias, mas de usar esse recurso para simular a vida em comunidade, usando elementos reais do cotidiano, para que a mesma se identifique com a narrativa e se envolva como entidade. É no reconhecer-se como alguém que poderia estar na situação fictícia que se procura construir um percurso de educação e participação popular e comunitária.

Para atingir os objetivos deste trabalho, a pesquisa concentrou-se na análise de três turmas da disciplina de Jornalismo Comunitário de uma universidade do interior de Santa Catarina, no período de março de 2017 a dezembro de 2018, totalizando 34 estudantes envolvidos.

A técnica de pesquisa adotada foi a observação participante e o pesquisador era o próprio professor dos estudantes e interagiu constantemente com os alunos. Durante o período da pesquisa, buscou-se observar quais comandos, atividades e estratégias conseguiram uma maior adesão dos próprios estudantes, procurando reconhecer, na singularidade de cada estudante, seus interesses e formas de otimizar a sua colaboração com o grupo.

A observação das aulas revelou que o procedimento em todas as turmas seguiu o mesmo roteiro. As primeiras aulas serviam para introduzir conceitos teóricos da comunicação popular e comunitária, e para conhecer o município no qual está inserida a universidade. Com o mapa projetado e as áreas menos favorecidas apontadas, os estudantes eram divididos em grupos e tinham que optar por uma das comunidades.

Nas semanas seguintes, eles precisavam visitar a comunidade e realizar um diagnóstico, obtendo dados demográficos: população, sexo, faixa etária, condições de moradia, abastecimento de água e energia, saneamento básico, presença de órgãos públicos: postos de saúde, escolas e creches, presença de



entidades do terceiro setor, igrejas, grupos da terceira idade, clube de mães, associação de moradores, meios de comunicação, jornais, rádios comunitárias, páginas de redes sociais, entre outros.

Os estudantes também precisavam entrevistar moradores antigos, pesquisar a história da comunidade, entender como se locomovem os moradores, se existe transporte público, onde e em que trabalham, se existe comércio, indústria ou serviços na localidade, clubes, festas e espaços de confraternização e entretenimento. Os estudantes também tinham a missão de procurar os principais problemas enfrentados pelos moradores, bem como aspectos positivos da comunidade, pessoas que podiam servir de inspiração para outras, e identificar possíveis fontes para notícias e perfis.

Com base nesse diagnóstico, eles discutiam a temática e personagens que fariam parte da radionovela. Para elaborar os capítulos, tinham que desenvolver um roteiro, realizar a gravação dos diálogos e da narração, pensar na trilha sonora e efeitos especiais, além de editar o material gravado. Toda a produção foi realizada durante as aulas e as gravações ocorreram no Laboratório de Áudio da universidade.

A primeira turma observada desenvolveu o projeto com base na visita a uma localidade da zona leste da cidade. Com o apoio da associação de moradores, os estudantes visitaram a escola, posto de saúde, a sede da associação, as principais ruas, e ficaram conhecendo os problemas do bairro e as atividades promovidas pela associação. Dentre estes, destacavam-se a horta comunitária de ervas medicinais e as aulas gratuitas de jiu-jitsu. Foi com base nestes dois projetos que a equipe decidiu desenvolver o roteiro. Segundo os estudantes, como a comunidade era muitas vezes estigmatizada, decidiram abordar aspectos positivos da realidade local.

O enredo baseou-se na história de um atleta de jiu-jitsu que estava com dores e não conseguiria competir em um campeonato. Ele procurou ajuda na associação e Cida, cujo nome faz referência à esposa do presidente da entidade, preparou um chá com ervas da horta. Contudo, horas depois, ele retorna à associação todo vermelho. Foi então que descobriram que a bebida foi trocada. As suspeitas recaíram sobre Sheila Cristina, ex-namorada do atleta, que admitiu



o ato. Segunda ela, foi por vingança por ele tê-la abandonado. O atleta explica que foi obrigado a acabar o namoro por pressão familiar, mas que sempre a amou. Ela então pergunta se podem voltar, mas ele diz que tem algo que ela precisa saber primeiro. Surge então o suspense e o capítulo termina. Todas as pessoas que escutaram a radionovela gostaram e pediram para ouvir o capítulo seguinte, mas ele nunca foi gravado. A equipe própria disse não ter ideia de como a história continuaria.

A segunda experiência foi a radionovela Vila Feliz. Criada para retratar o cotidiano dos moradores de uma localidade da região central, o nome faz referência a uma área dentro da comunidade. Os dois capítulos falam sobre o problema da regularização fundiária que existe no local. Participam seis personagens, alguns deles (Zé, Carlota e Paulinho) são referências aos moradores da comunidade, enquanto Eugênia, Dalva e o atendente dos correios, são fictícios (GÓES et al., 2018).

Cada capítulo dura três minutos. No primeiro, Zé espera a carta para participar do campeonato de tiro do Clube de Caça e Tiro Tribess. Porém, as ruas da Vila não são regularizadas e os Correios entregam todas as cartas para Eugênia, que as distribui. Cansado de esperar, Zé decide ir atrás da carta. Depois de falar com o Clube e Correios, descobre que Eugênia a estava escondendo. Ela confessa que a queimou para que ele não pudesse participar da competição (GÓES et al., 2018). No segundo capítulo é revelado o motivo da queima da carta. Zé decide falar com Paulinho, o líder comunitário, e tentar resolver o problema das ruas. O líder convoca os moradores para uma reunião e decidem fazer uma carta para a prefeitura (GÓES et al., 2018).

A terceira experiência se passa em uma cidade vizinha, onde muitos alunos da turma moram ou trabalham. O enredo conta a história de dois netos que estão a caminho da cidade para visitar os avós. Ao chegar, encontram a cidade no escuro. Um caminhão havia batido em um poste e as moradias ficaram sem energia elétrica. Tudo culpa de uma obra que por meses estava causando uma série de transtornos aos moradores: poeira, movimento intenso no desvio, acidentes, entre outros.



Os netos se sensibilizam e decidem ajudar os avós. Uma reunião é feita na prefeitura e eles conseguem uma promessa de que a obra será concluída. Vários personagens aparecem e histórias paralelas também ocorrem nos cinco capítulos, como o sorteio de uma loteria e tradições locais, como a produção de cucas. Alguns personagens têm sotaque de diferentes regiões do Brasil para demarcar a origem. No final, um dos problemas é resolvido, após muitas reuniões e protestos.

5. RESULTADOS

Das três experiências, a primeira foi a mais amadora, mas o envolvimento dos estudantes cresceu ao longo das turmas. Se na primeira, uma aluna foi responsável por criar os diálogos e a história, na última todos os integrantes colaboraram. De tímidos na primeira turma, a evolução das interpretações é notável. Tanto na segunda turma quanto na terceira, os estudantes estavam mais envolvidos e empenhados.

Em termos de conhecimentos, é notável a introdução de conceitos apreendidos durante os semestres. Na primeira novela a ligação com a comunidade era ilustrativa, no sentido de mostrar os projetos desenvolvidos pela associação de moradores, nas outras duas havia uma projeção de mobilização popular. As pessoas se unem para protestar, reivindicar direitos e buscar soluções. Na terceira produção, a população obtém resultados com a mobilização. Fica nítida a intenção da equipe em mostrar para os ouvintes de que a luta por direitos traz resultados quando o coletivo se une.

Em todos os grupos, os estudantes classificaram a atividade como divertida e estimuladora da criatividade, permitindo que cada um se expressasse de maneira a contribuir para o projeto. Aqueles com competências mais teatrais ajudavam os demais a interpretar o texto. Outros se dedicaram mais à escritura dos diálogos, outros à parte técnica, como edição, seleção de músicas e efeitos sonoros.

Para o processo de ensino-aprendizagem, o resultado é positivo, pois os alunos entenderam o conceito central do Jornalismo Comunitário, que é trabalhar em prol das comunidades, levando informação por meios diferenciados



e criativos. Ademais, tendo em vista que o trabalho era baseado em um diagnóstico preliminar, os estudantes passaram a conhecer a realidade local, levantaram problemas e possíveis assuntos para matérias jornalísticas, mas também investigaram soluções para a coletividade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, produzir uma radionovela não é algo previsto em um curso de Jornalismo. Como trabalha com fatos, não se espera que um jornalista apresente uma obra de ficção ao público. Contudo, no Jornalismo Comunitário, faz-se necessário encontrar formas diferentes de conexão com as comunidades, principalmente as menos favorecidas que não possuem acesso a jornais e revistas, nem à televisão paga.

Da mesma forma, os assuntos que são de interesse de algumas comunidades não se configuram como assuntos de interesse para veículos tradicionais. Muitas vezes são pautas restritas a determinado território, e para as emissoras de grandes audiências, com uma cobertura vasta do território regional, essas pautas não conseguem ganhar projeção. Por isso, o profissional que atua nas comunidades precisa ser criativo.

Além disso, dentro de um universo tecnológico, é cada vez mais difícil para o professor manter a atenção dos estudantes. Aulas expositivas não conseguem reter o interesse de uma juventude sempre mais conectada. Para isso, o uso de metodologias inovadoras é fundamental e muitas vezes basta reinventar velhas fórmulas, como a radionovela. A dramatização em áudio não fez parte da vida da maior parte dos estudantes que participaram deste projeto, o que os deixou ainda mais excitados. Era uma velha forma de fazer rádio, mas que para eles era uma novidade.

Os resultados apontam que quando o ensino se conecta à vida real, aplicando a teoria e estratégias diferenciadas, há benefícios tanto para os estudantes e docentes, quanto para a comunidade envolvida. Todos saem “afetados” por essa experiência, como visões novas sobre problemas antigos, e



ideias para buscar, de forma criativa, soluções para os anseios da população e da própria educação superior.

REFERÊNCIAS

BARBOSA FILHO, A. **Gêneros Radiofônicos: Os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BEHRENS, M. A.; JOSÉ E. M. A. **Aprendizagem por projetos e os Contratos didáticos**. Revista Diálogo Educacional. Curitiba, v. 2, n.3, p. 77-96, jan./jun. 2001.

BONAMIGO, E. L.; DESTEFANI, A. dos S. **A dramatização como estratégia de ensino da comunicação de más notícias ao paciente durante a graduação médica**. Revista Bioética, 18(3), p. 725-742, 2010.

BRASIL. Resolução n. 1, de 27 de setembro de 2013. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1º de outubro de 2013 – Seção 1 – p. 26.

CALABRE, L. **Rádio e imaginação: no tempo da radionovela**. XXVI CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 02 a 06 de setembro de 2003, Belo Horizonte (MG).

DINIZ, J. A. **A recriação dos gêneros eletrônicos analógico-digitais: radionovela, telenovela e webnovela**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

FEITOSA, M. P. C. W. **Monopólio e Democratização da Mídia: um debate acerca da comunicação social no Brasil**. In: XVI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 15 a 17 de maio de 2014, João Pessoa (PB).

FESTA, R. **Movimentos Sociais, Comunicação Popular e Alternativa**. In: FESTA, R.; LINS DA SILVA, C. E. (Orgs.) **Comunicação Popular e Alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986.

FESTA, R.; LINS DA SILVA, C. E. (Orgs.) **Comunicação Popular e Alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. São Paulo: Paz & Terra, 1987.

_____, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 56ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2018.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.) **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOÉS, J. V. M. et al. **Vila Feliz**. In: XIX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 31 de maio a 2 de junho de 2018, Cascavel (PR).



HALLIM, D. C.; MANCINI, P. **Comparing media systems: three models of media and politics**. New York: Cambridge University Press, 2004.

MARTINS, S. **A Construção da Identidade das Telenovelas Brasileiras: O Processo de Identificação dos Telespectadores com a Narrativa Ficcional Televisiva**. VI CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2008, Niterói (RJ).

MASETTO, M. T. **Competência Pedagógica do Professor Universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MICK, J. (Coord); LIMA, S. **Perfil do Jornalismo Brasileiro – características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013.

PENA, F. **1000 perguntas sobre o jornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

PERUZZO, C. K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 3ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2004.

PISELLI, F. **Capitale sociale: un concetto situazionale e dinamico**. In: BAGNASCO, A. et al. *Il capitale sociale. Istruzioni per l'uso*, Bologna: Il mulino, 2001, p. 47-75.

SILVA, F. C. da. **A Juventude na Mídia Brasileira: estereótipos e exclusão**. Revista Anagrama, Ano 1, Edição 4, jul./ago. 2008.

SOUZA, M. de M. T. **A Dramatização como Recurso Pedagógico em Enfermagem**. Revista Pró-univerSUS, v. 1, n. 1, p. 1-10, jul./dez. 2010.

TAVARES, E. **Jornalismo nas margens: uma reflexão sobre a comunicação em comunidades empobrecidas**. Florianópolis: Companhia dos Loucos, 2004.

TAVARES, F. de M. B. **O jornalismo especializado e a especialização periodística**. Estudos em Comunicação, n. 5, p. 115-133, mai. 2009.